



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Educação Ambiental
Sinop, v. 12, n. 2 (31. ed.), p. 352-362, ago./dez. 2021
ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

AS MEDIAÇÕES DA AFETIVIDADE EM SALA DE AULA¹

MEDIATIONS OF AFFECTIVITY IN THE CLASSROOM

Gabriele Castão Rengel

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma compreensão sobre as mediações afetivas no processo de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os autores que embasaram a pesquisa foram Ana Rita Silva Almeida, Paulo Freire e Isabel Galvão. A pesquisa foi realizada a partir da abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas com professoras da rede de ensino do Município de Sinop, Mato Grosso. Baseando-se nas leituras e pesquisas, foi possível problematizar quais mediações de afetividade são mobilizadas no processo de ensino e aprendizagem e qual o papel dessa afetividade nas relações pedagógicas. Os resultados da pesquisa apontam que a afetividade no ambiente escolar oportuniza metodologias e práticas pedagógicas afetivas que influenciam no desenvolvimento do aluno.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino e Aprendizagem. Relação professor e aluno.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado **AS MEDIAÇÕES DA AFETIVIDADE NO PROCESSO PEDAGÓGICO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**, sob a orientação da Profa. Dra. Isabela Augusta Andrade Souza, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2021/2.

ABSTRACT²

This article aims to present an understanding of affective mediations in the learning process in the early years of elementary school. The authors who supported the research were Ana Rita Silva Almeida, Paulo Freire and Isabel Galvão. The research was carried out from a qualitative approach, through semi-structured interviews with teachers from the school system in Sinop, Mato Grosso. Based on readings and researches, it was possible to discuss which mediations of affectivity are mobilized in the teaching and learning process and the role of this affectivity in pedagogical relationships. The research results show that affectivity in the school environment provides opportunities for affective pedagogical methodologies and practices that influence student development.

Keywords: Affection. Teaching and learning. Teacher and student relationship.

Correspondência:

Gabriele Castão Rengel. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: gabriele.rengel@unemat.br

Recebido em: 8 de novembro de 2021.

Aprovado em: 29 de novembro de 2021.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4539/3065>

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de pesquisa que buscou compreender as mediações da afetividade no processo pedagógico nos anos iniciais do Ensino Fundamental e qual é o papel dessa afetividade nas relações pedagógicas.

A afetividade tem um papel valioso nos espaços escolares, pois, através dela, o educando aprende e compreende como viver em sociedade e como lidar com suas emoções no decorrer de sua vida. Para Almeida (1999, p. 103) “É necessário

² Resumo traduzido pela professora Indianara Luzia Peron. Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês, pela Unemat/Câmpus de Sinop, 2016.

encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis.” Ou seja, o educando é um sujeito de múltiplas relações afetivas.

Nesse sentido, o objetivo geral traçado foi buscar compreender as mediações de afetividade mobilizadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e o papel que essa afetividade tem nas relações pedagógicas existentes no trabalho docente. Buscamos compreender melhor como isso acontece e a percepção das pessoas quanto a importância das dimensões afetivas e identificar os métodos utilizados e abordados pelos professores enquanto exercem sua profissão em sala de aula frente as inúmeras situações emocionais que são vivenciadas no espaço escolar.

A escolha do tema se deu pela curiosidade em apreender quais as mediações o professor realiza durante sua abordagem pedagógica em relação às crianças no Ensino Fundamental, e como acontece e se percebe suas ações e as consequências no ensino e na aprendizagem de seus alunos.

A metodologia que adotamos para obter dados foi de caráter qualitativa, baseada em Minayo (2009) e Triviños (1987). Realizamos entrevistas semiestruturadas com duas professoras do Ensino Fundamental de uma escola Estadual do Município de Sinop – Mato Grosso, no primeiro semestre do ano de 2021, as quais foram realizadas por meio do aplicativo *Zoom* para reuniões on-line e de envio de questionário via aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

2 A AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

A relação entre professor e aluno nos anos iniciais é fundamental, tendo no professor um mediador no processo de construção/evolução afetiva da criança.

Se a educação não conseguir promover a construção do conhecimento por meio do afeto, do respeito às dificuldades e aos sentimentos do aluno, não será à base do autoritarismo e do castigo que formará cidadãos coerentes. Pois o afeto entre educador e educando é como uma semente lançada em terra fértil: germina numa rapidez surpreendente e produz frutos de qualidade. (BONFIM, 2011, p. 9).

A vida afetiva da criança será afetada quando ela entra em contato com o outro e com mundo existente, e isso geralmente acontece justamente na escola. Essa interação proporcionará novas experiências e novas emoções, e essa inter-

relação será importante para a formação não só acadêmica, mas no aspecto amplo de sua vida, ou seja, em sua dimensão biopsicossocial.

Segundo Almeida (1999, p. 107) “[...] na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente.”, e quando não se sabe da importância dessa relação na escola, alguns erros podem ser cometidos, que irão dificultar o desenvolvimento emocional da criança. Portanto, a escola e os profissionais não devem negligenciar ou subestimar o espaço da emoção em suas atividades. Para o autor, “A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência” (ALMEIDA, 1999, p. 103). E o educador, para que exista sucesso em seu trabalho pedagógico, deve mediar e auxiliar seus alunos nesta caminhada.

O professor tem como função a docência – o trabalho de ensinar seus alunos. Seu trabalho deve ser feito com o compromisso de proporcionar o melhor aos seus educandos, pensando em auxiliar todos, para que alcancem suas aptidões. Nesse sentido, segundo Costa (2017, p. 5), “a afetividade no desenvolvimento humano, especialmente na Educação, envolve o acreditar que a criança é capaz de se tornar uma pessoa mais autônoma nas resoluções de problemas em sua vida e ser socialmente participativa ao interagir com o meio.”

Ou seja, o educador tem o papel importante de mediador, auxiliador neste desenvolvimento, possibilitando que o educando seja o protagonista de suas descobertas e das relações sociais.

Por sua vez, a sala de aula deve ser percebida como um espaço de relações e de crescimento emocional e cognitivo que oportuniza diversas experiências e que poderão marcar os discentes por sua vida. É neste ambiente que a socialização de indivíduos de mesma idade acontece, onde se conhecem e interagem. Galvão nos diz que “[...] a escola, ao possibilitar uma vivência social diferente do grupo familiar, desempenha um importante papel na formação da personalidade da criança” (GALVÃO, 1995, p. 101).

O educador não é apenas um transmissor de conhecimentos, mas também um mediador de conflitos e interações, utilizando a afetividade como ferramenta de aprendizagem. Para Almeida (1999, p. 103), “É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis.”

A sala de aula deve ser um espaço de valorização e aprendizagem, e o ser humano necessita de apreciação: um sorriso, uma fala, pode somar no desenvolvimento social e pessoal.

Wallon traz uma visão do desenvolvimento do ser humano como uma “[...] construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva” (GALVÃO, 1995, p. 43)

Essa questão afetiva acontece desde o nascer da criança, e se desenvolve por toda sua vida. São considerados estágios, sendo que o primeiro é denominado de estágio impulsivo-emocional, que ocorre nos anos iniciais, em que há a predominância da afetividade que orienta as reações do bebê com pessoas que intermediam suas ações com o mundo. O segundo estágio, sensório-motor e projetivo, é quando as crianças que já iniciaram suas marchas e já sabem manusear objetos, iniciam suas primeiras falas. Nesta fase, “[...] predominam as relações cognitivas com o meio” (GALVÃO, 1995, p. 44). O estágio do personalismo é o terceiro, e é o estágio no qual a criança começa a ter consciência de si. Isto ocorre pelas interações sociais vividas, que orientam os seus interesses por pessoas, começam a definir seus amigos, o que demonstra a “[...] predominância das relações afetivas” (GALVÃO, 1995, p. 44). O quarto estágio é o categorial, e é o estágio no qual os interesses se dirigem às coisas, buscam conhecer o mundo e conquistá-lo, vivenciando as relações com o meio através de aspectos cognitivos.

No estágio da adolescência, sendo este o último, é o estágio no qual ocorre a puberdade. Surge a necessidade de redefinir a personalidade, devido às mudanças corporais resultantes das ações hormonais. Neste estágio, o indivíduo se questiona sobre os valores “[...] morais e existenciais, numa retomada da predominância da afetividade” (GALVÃO, 1995, p. 45)

Em maior parte, essas mudanças de estágio serão vivenciadas no ambiente escolar e, se o educador não estiver preparado, poderá afetar seus discentes nos aspectos cognitivo e afetivo. Segundo Galvão (1995, p. 45), “Cada nova fase inverte a orientação da atividade e do interesse da criança: do eu para o mundo, das pessoas para as coisas.” O educador deve utilizar uma metodologia maleável, capaz de adaptação, preparada para inúmeras situações. Todos estes traços no trabalho docente são marcas de um profissional afetivo, com seus educandos e com sua profissão.

Para Wallon (*apud* COSTA, 2017, p. 3), “a afetividade envolve as emoções, que é de natureza biológica, dos sentimentos, das vivências humanas, do desenvolvimento da fala, que possibilita transmitir ao outro o que sentimos.”

O meio escolar, como qualquer outro, é norteador por conflitos, e alguns deles são entre professores e alunos, que causam turbulências, crises emocionais e agitação no ambiente, o professor precisa estar preparado para diferentes situações, e assim conseguir mediar e solucionar estes problemas. Almeida diz que “O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitadores do conhecimento” (ALMEIDA, 1999, p. 103).

As emoções estão presentes em todos os momentos de nossa vida, inclusive na sala de aula. Muitos educadores assumem uma postura e uma metodologia de ensino que valoriza o intelectual, que tem como objetivo desenvolver somente a inteligência, contudo “O desenvolvimento da inteligência implica necessariamente uma evolução da afetividade” (ALMEIDA, 1999, p. 108). A afetividade é tratada com indiferença, como algo que só acontece dos portões para fora da escola, que não cabe ao professor lidar e trabalhar com essas emoções.

No entanto, somos seres sociáveis, seres que necessitam do afeto, de atenção, de uma palavra ou de um gesto amigo. Nossa complexidade não é fragmentada. Somos um todo. Corpo, mente e coração. Isso é indissociável, seja quem quer que seja, esteja onde estiver.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para analisar e obter clareza nas questões, optamos pela metodologia de categorias com o objetivo de “classificar fenômenos sociais, idéias, pessoas” (TRIVIÑOS, 1987, p. 151).

Para preservar o anonimato das professoras entrevistadas, não mencionaremos os nomes das mesmas. Todas serão indicadas pela identificação P1 e P2. As professoras entrevistadas atuam no 2º ano do Ensino Fundamental, sendo que P1 atua desde sua graduação, que ocorreu no ano de 1992 no curso de Pedagogia, em escolas da rede privada de ensino, e P2 atua, desde sua formação,

no ano de 2005 no curso de Pedagogia, em escolas da rede pública de ensino. As respectivas escolas estão localizadas no município de Sinop – Mato Grosso.

Quadro 1 – Características de nossas entrevistadas

| NOME | IDADE | GRADUAÇÃO | ANO QUE CONCLUIU A GRADUAÇÃO | ESCOLA EM QUE TRABALHA | PÓS-GRADUAÇÃO |
|------|---------------|-----------|------------------------------|------------------------|----------------------|
| P1 | 50 anos | Pedagogia | 1992 | Particular (23 anos) | Gestão Escolar |
| P2 | Não informado | Pedagogia | 2005 | Pública (16 anos) | Mestrado em Educação |

A partir deste momento, iniciaremos as análises das categorias que se seguem:

3.1 Emoção em sala de aula – uma realidade?

Em nossa pesquisa, uma das perguntas que fizemos para as professoras foi se as mesmas conseguiam perceber se há, por parte da criança, demonstração de emoções e quais seriam os motivos de isso acontecer.

(01) P1: Sim, enquanto professor em sala de aula, nós lidamos com essa situação frequentemente. Eu vivenciei várias situações. A criança reflete plenamente o que ela está sentindo, mostrando-se ora mais fragilizada ora mais agressiva. Mas uma situação que tem chamado atenção nos últimos anos é a questão da baixa autoestima, a dificuldade em se manifestar e resolver situações de conflito, dificuldades em lidar com as frustrações. Essa é uma situação que tem me preocupado mais. Um dos exemplos é uma criança com dificuldade de reconhecer a hierarquia dentro de um estabelecimento de ensino, que discute as regras, questiona muitas regras com professor, se recusando a cumpri-las e quando contrariada com a persistência do professor diante do que precisa ser feito, a criança grita, arremessa, se coloca embaixo de mesas, embaixo do armário.

(02) P2: Sim, sempre acontece algum estresse com as crianças emocionalmente em sala de aula. Sempre temos. Mas, assim, eu nunca presenciei nenhuma situação grave, que fugisse ao controle. Já presenciei, sim, atrito entre os colegas, né. É o principal fator que eu, na minha docência, eu presenciei, né. O atrito entre os

colegas, mesmo. Um de repente olha um pouquinho mais torto pro colega e, naquele dia, ele não está muito bem emocionalmente. É o suficiente pra desencadear aí um choro, pra desencadear uma briga, né, ou outra situação desse tipo.

Como podemos perceber nos relatos das professoras, a sala de aula é um espaço de vivências e, conseqüentemente, de muitas emoções. A professora **P1** nos diz que percebe momentos em que os alunos estão “mostrando-se ora mais fragilizados, ora mais agressivos”. A professora segue relatando que, nos dias atuais, percebeu um crescimento de questões que afligem os alunos, como “baixa autoestima a dificuldade em se manifestar e resolver situações de conflito, dificuldades em lidar com as frustrações”, que são pontos que preocupam a professora. Segundo Almeida (1999, p. 101), “A escola possibilita interações diversas entre parceiros, ao mesmo tempo em que proporciona situações e experiências essenciais para a construção do indivíduo como pessoa”. Por sua vez, **P2** relata que nunca presenciou uma manifestação grave de situações emocionais, informando que o que ocorre são atritos entre os colegas que podem reagir com choro ou uma briga. A autora segue dizendo que:

[...] ao professor, é delegado um importante papel social, qual seja o de compreender o aluno no âmbito de sua dimensão humana, na qual tanto os aspectos intelectuais quanto os aspectos afetivos estão presentes e se interpenetram em todas as manifestações do conhecimento. (ALMEIDA, 1999, p. 101).

A partir das palavras de Almeida (1999), o educador que se preocupa em manter uma relação respeitosa e ouvinte com seus alunos tende a lidar com mais tranquilidade nos momentos de descontrole emocional, pois conhece seus alunos e o diálogo se torna de certa forma mais claro e calmo.

3.2 Ações e reações emocionais do aluno em situação de conflito mediante intervenção da professora.

Perguntamos as professoras quais abordagens adotam nos momentos de atritos e manifestações emocionais e quais são as situações que ocorrem com certa frequência.

(03) P1: Sim. É, tinha uma troca. Ele insiste. A princípio, ele insistia naquilo que ele queria, continuava falando que ele gostaria de permanecer com tal atividade, que ele, (..) ele gostaria de fazer coisa diferente, que ele não ia fazer outra coisa. Eu falava: – “Tá tudo bem, eu entendi, nesse horário não dá, tem hora para cada coisa”. Aí fazia aquela, aquele discurso habitual de o que que nós já fizemos, o que que nós ainda temos para fazer, vai dar tempo de fazer isso, vamos fazer o seguinte, se a gente concluir o que nós temos para fazer dentro da nossa rotina, eu prometo que nós, que eu deixo você fazer ou que você vai fazer. Ou, senão, algumas vezes eu falava assim: – “Olha, eu vou te dar as coisas, você vai fazer na sua, porque aqui não deu tempo”. Mas teve essa troca.

Já a professora **P2**, segue uma abordagem semelhante à da **P1**, buscando apaziguar as situações, esperando que o aluno se acalme e esteja preparado para retornar as atividades. “A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência” (ALMEIDA, 1999, p. 103). Os professores acabam assumindo um papel de administradores das relações afetivas em suas salas de aula.

3.1 Relação professor aluno: lugar de afeto?

Perguntamos as professoras se, em sua opinião, a afetividade está presente no contexto escolar, mais precisamente em sala de aula, nas relações pedagógicas vivenciadas.

(04) P1: Sim, essa afetividade acontece em sala de aula, de maneira positiva ou negativa. Essa relação que esse indivíduo, que essa criança tem com o grupo e como professor, vai interferir diretamente na questão da aprendizagem. Como dito antes, de forma positiva ou negativa. Por exemplo, se o professor é uma figura de referência, aquilo que o professor diz, aquilo que o professor espera dessa criança,

torna-se, é visto com uma receptividade muito maior, com uma brandura. Se a convivência, se a afetividade, se os relacionamentos dessa criança com o grupo também, ela tem o seu espaço, ela é reconhecida, ela é respeitada. Tudo isso vai contribuir diretamente na aprendizagem dessa criança, de forma positiva ou negativa, claro.

(05) P2: Sim, existe essa perspectiva. É fundamental é preciso, é importante, né, porque seu aluno tem medo do professor, ele não tem respeito, ele não tem amorosidade pelo professor, e quanto mais o professor se aproxima dos alunos, mais fácil vai acontecer o aprendizado do aluno. Isso facilita o aprendizado do aluno.

As professoras concordam que existe afetividade nas relações professor-aluno, e seguem relatando que nesse vínculo o respeito entre ambos facilita o aprendizado em sala. Segundo Freire (2016, p. 114),

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que inclusive me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna.

Ser educador é permitir “minha abertura humana” (FREIRE, 2016, p. 141), se preocupar com situações que vão além dos conteúdos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa pudemos observar, através de relatos de professoras da rede pública e privada de ensino da cidade de Sinop Mato Grosso, que a afetividade no processo de aprendizagem dos anos iniciais do Ensino Fundamental tem grande influência no desenvolvimento dos alunos. As professoras, ao se depararem com situações de grande manifestação de emoções por parte dos alunos, tentam dialogar, respeitar o espaço dos alunos e compreender os motivos que o levaram a esse momento.

Compreendemos que a afetividade tem influência dentro da sala de aula através das relações entre professor e estudante, uma vez que a afetividade está

presente na vida da criança desde seu nascimento, quando os afetos são vivenciados no contexto familiar. A afetividade, se bem administrada, pode se tornar uma ferramenta valiosa na construção do processo de ensino e aprendizagem dos alunos e educadores. É através da interação com o outro que o ser humano se desenvolve cognitivamente e emocionalmente. Uma relação escolar saudável e que respeita seu grupo soma avanços na vida social e cultural.

Ficou evidente que a afetividade é parte do ambiente escolar, que o olhar das educadoras é observador, voltado para o desempenho do aluno, para juntos buscarem as melhores oportunidades. Finalizamos nossa pesquisa com o desejo de trilhar essa pedagogia, observadora e afetiva, com o comprometimento de ajudar a mudar a realidade de muitas crianças e a qualidade da educação, seja ela pública ou privada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**, 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

BONFIM, Valéria Amorim. **Afetividade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2011.

COSTA, Gisele Ferreira. **O Afeto que Educa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <http://www.ufjf.br/pedagogia/tccs/>. Acesso em: 30 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MINAYO Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.